

M. E. P. E. S.

MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO PROMOCIONAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE FORMAÇÃO E REFLEXÃO

UM NOVO PREDIO PARA A ESCOLA DO MEIO RURAL

Condições Físicas para as Escolas  
da Família Agrícola



CONFERÊNCIA PROFERIDA PELO  
*Prof. Paolo Nosella*  
NO 1º SEMINÁRIO SOBRE ENSINO NA ZONA  
RURAL, REALIZADO EM VITÓRIA - ESP. SANTO  
DE 19 A 22 DE FEVEREIRO DE 1975

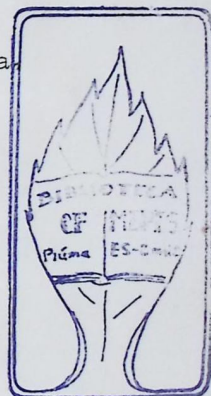
VITÓRIA — ESPÍRITO SANTO

M. E. P. E. S.

MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO PROMOCIONAL DO ESPIRITO SANTO  
CENTRO DE FORMAÇÃO E REFLEXÃO.

UM NOVO PRÉDIO PARA A ESCOLA DO MEIO RURAL

Condições físicas para as Escola da Família Agrícola



Conferência proferida por Paulo Nosella  
no Seminário Nacional sobre o ensino no  
Meio Rural, realizado em Vitória ( E.S)  
de 19 a 22 de fevereiro de 1975.

VITÓRIA - E.S. - 1975 -

Dedico este trabalho À EQUIPE DE  
EXPANSÃO DO MEPES.

Paolo Nosella.

## Í N D I C E

APRESENTAÇÃO.....	01
INTRODUÇÃO.....	03
I-- ASPECTO SÓCIO-ECONOMICO.....	04
II-- ASPECTO EDUCACIONAL.....	06
II.1. As paredes falam.....	06
II.1.1. O primeiro discurso.....	06
II.1.2. O segundo discurso.....	07
II.1.3. O terceiro discurso.....	08
II.2. As paredes fazem falar.....	09
II.2.1. Fazem falar os alunos.....	10
II.2.2. Fazem falar os professores.....	11
II.2.3. Fazem falar os pais.....	11
II.2.4. Fazem falar a Comunidade local.....	12
CONCLUSÃO.....	12.
NOTAS.....	14.
BIBLIOGRAFIA.....	14.
<u>ANEXOS</u> .....	

## A P R E S E N T A Ç Ã O

"Um novo prédio para a Escola Rural" é uma publicação do Centro de Formação e Reflexão do MEPES.

Nasceu de uma conferência proferida pelo prof. Paulo Nossella, coordenador do CFR, no "Seminário Nacional sobre o ensino no Meio Rural", realizado em Vitória, nos dias 19-22 de fevereiro de 1975.

É um documento que apresenta uma realidade concreta, brotada da experiência e da reflexão, dois momentos indispensáveis no acompanhamento e orientação do desenvolvimento do meio rural.

O nosso país - como toda a humanidade - entrou numa fase de profundas transformações. O meio rural está envolvido neste processo, tornando-se, muitas vezes, uma vítima do mesmo. Experimentamos, vivencialmente, que desenvolvimento é antes de tudo educação. É o HOMEM a crescer, em todas as suas dimensões, a tornar-se verdadeiramente, "a medida de todas as coisas". Do contrário, o desenvolvimento torna-se-á a grande prisão do homem moderno.

O meio rural, pela sua intrínseca e profunda ligação com a natureza, deve permanecer fiel à sua vocação e impedir que isso aconteça. Este é o grande desafio do momento. A Educação não é algo de abstrato, de imposto ao homem, mas, um processo estreitamente vinculado ao homem que vive uma realidade concreta. A Educação se faz no respeito destas realidades, em função da transformação - das mesmas, em algo de mais elevado, mais realizador do homem.

Esta a razão da importância do "prédio escolar", ambiente material onde se faz a educação. Ele pode ser tanto um impedimento como um instrumento válido, sendo sempre parte integrante e de elevado valor no contexto educacional.

As Escolas-Famílias do MEPES procuram respeitar os valores do meio rural, oferecendo ao jovem o ambiente físico que melhor o ajude na sua formação de agricultor, procurando que encontre na escola a continuidade e projeção de seu ambiente familiar. São as Escolas-Famílias Rurais a expressão do ensino adequado ao homem do campo, construídas, equipadas, estruturadas para atender - especificamente as regiões rurais.

Existem 8 Escolas, atualmente, em funcionamento no Estado do Espírito Santo, nascidas e mantidas com o apoio do Governo do Estado, das Prefeituras, Comunidades, Entidades locais e Pais de alunos. Há entretanto, as perspectivas de expansão, a previsão de criação de outras tantas Escolas, para o próximo triênio de exercício. A implantação do 2º grau está sendo uma nova experiência, uma nova forma de formar o agricultor a nível médio.

O prédio destas Escolas é uma "casa de família" onde o aluno vive uma nova experiência: pessoa que reflete sobre sua realidade, aprende a modificá-la, científica e tecnicamente. O prédio tenta ser em si mesmo, expressão da pedagogia da Escola. Ele ajuda na transformação da Escola em centro de vida.

A Experiência das Escolas-Famílias é ainda pequena. Ainda mais jovens são as Escolas-Família do MEPES. Esperamos, contudo que seja consolidada a experiência das mesmas, permitindo-se encontrar uma metodologia e filosofia educacional brotada do campo para o campo.

Anchieta, 8 de abril de 1976.

Pe. Humberto Pietrogrande, sj.  
Presidente do MEPES.

## I N T R O D U Ç Ã O

Sabia-se que estávamos refletindo sobre a educação para o meio rural; Sabia-se sobretudo que estávamos trabalhando em Educação no meio rural: por isso se nos convidou para expressar nossa palavra e mostrar nossa experiência.

Evidentemente, quem pensa a palavra e quem faz a ação, gosta que alguém lhe escute e veja o que está fazendo. Por isso, longe de recuar diante do convite, agradecemos.

Aqui está a palavra de muitos, expressada por um deles; trata-se na realidade da palavra de muitos agricultores capixabas, de muitos líderes, Padres, mestres, alunos que, num esforço conjunto estão trabalhando e sofrendo desde 1967 no interior deste Estado. Diremos nossa palavra com simplicidade e com certo temor de poder também errar porque estamos no começo de um caminho e não sempre tudo foi como esperávamos; porém de alguma coisa temos a certeza: temos a certeza que o verdadeiro mestre, e que realmente educa é a nossa realidade e que, portanto, o edifício "Escola" é alguma coisa de artificial cuja estrutura e localização não devem ser sugeridas pelas nossas ambições, pelos nossos ou alheios interesses, pelos nossos bairrismos, nem pelas nossas idéias abstratas, e sim pelas próprias exigências desta realidade em que vivemos. Sim, de uma coisa temos certeza: que se violentarmos a vida, a nossa vida daqui, significa que ainda não aprendemos - nem sequer a primeira página da história da humanidade e não haveria nenhuma estranheza se um dia a vida se revoltasse contra nós e nos humilhasse como já muitas vezes, infelizmente, já aconteceu.

I- ASPECTO SÓCIO -ECONÔMICO

(EMPREGO DE UM CAPITAL HUMANO)

Há muitos homens, educadores profissionais e não-profissionais, que se preocupam com nosso mundo de hoje e com nossa época, a partir do problema "educação"; mas, infelizmente, quase todos eles tratam de problemas qualitativos em termos quantitativos e, assim fazendo, não acertam a essência do problema. Existe, nessa postura, por assim dizer, uma distorção de abordagem profunda e enganadora: acredita-se que os nossos problemas educacionais serão solucionados uma vez que se tenham os meios materiais suficientes. Nós achamos que essa concepção esconde um sofisma.

Esse sofisma se desnascara quando reparamos:

a)- Que nunca os meios materiais são suficiente. De fato, essa queixa, longe de diminuir, na medida em que aumentam os recursos materiais, aumenta.

Bo fundo, é uma queixa que responde à lógica da "escalation" dos bens de consumo de nossa sociedade. Nos meios paulistas ( o Estado de São Paulo) tem um orçamento educacional maior do que o orçamento federal, a queixa por falta de recursos materiais não é menor do que nos meios capixabas; a mesma queixa existe e não menor nos Estados Unidos e na Europa.

A razão profunda da queixa de faltas de meios de recursos materiais não nasce de uma atitude séria e profunda perante o problema educacional mas é fruto de uma ideologia de consumo que subexiste em todos os ambientes de nossa civilização.

A história da educação mostra que os autênticos e profundos pedagogos não culpam a falta de recursos materiais como sendo a causa de uma situação educacional deficitária.

b)- O segundo elemento, que desnascara o sofisma apontado, consiste no fato que os maiores problemas educacionais emergem onde os meios parecem ser os mais abundantes.

Podemos citar o exemplo da Universidade de Berkeley, ou ainda o caso da França. Em Berkeley há tantas revoluções estudantis, enquanto talvez possamos considerá-la a universidade mais bem equipada do mundo. E, ainda, na França, em 1968, os estudantes faziam greves e passeatas, não só por causa de problemas políticos, mas também por causa de problemas educacionais; no entanto, podemos considerar a França como um país que possui uma quantidade suficiente de recursos materiais em educação.

O que na realidade acontece, e este é o aspecto mais triste da ideologia que acabamos de denunciar, é que ao culparmos a falta de recursos materiais como causa de nosso subdesenvolvimento educacional de fato nos alienamos de uma reflexão mais objetiva e crítica.

A sociedade de consumo está interessada em nos convencer que educação significa escolarização e escolarização significa uma certa série de anos de frequência obrigatória, uma certa e quipe de funcionários, um certo tipo de prédio escolar, uma certa quantia à tipo de meios materiais, etc. Reparem bem: nossa tese não é negar que os meios materiais e toda a estrutura educacional, enquanto pessoal docente e administrativo, não seja necessário, mas sim, demonstrar que o erro está em aceitar este modelo de estrutura material e educacional, como se esse fosse o único modelo possível. Exemplo: - podemos analisar o caso de um indivíduo que se sente complexado, inferiorizado, não a partir de sua própria realidade educacional, mas sim a partir da comparação que ele ou a propaganda fazem de sua estrutura educacional com outras que ele considera mais desenvolvidas que a sua. Quando esse indivíduo lê que no Estado de São Paulo há um número muito elevado de professores, enquanto que em seu próprio Estado o número de professores é muito inferior; ou, ainda, quando ele compara os prédios e os recursos materiais utilizados nos Estados Unidos, que lhe faltam por completo, é que este indivíduo passa a duvidar da eficiência de seus recursos educacionais, condicionado por uma ideologia de consumo.

Continuando essa nossa análise exemplificativa, podemos dizer que esse indivíduo inferiorizado, complexado por comparações de sua realidade educacional com outras, raramente faz um tipo de reflexão que iria considerar, em primeiro lugar, a importância que um determinado tipo de prédio escolar tem para uma determinada comunidade e para um determinado tipo de aluno. Portanto, esse indivíduo quase nunca reflete (o que é um erro) que o importante não é fazer comparações entre realidades educacionais diferentes, tentando importar modelos materiais (prédios e recursos materiais ou metodológicos) e educacionais, mas realizar reflexões a partir de sua própria realidade educacional.

Não pretendemos aprofundar mais estas premissas, apenas afirmamos que enquanto não derrubarmos o "ethos" da quantidade como solução para nossos problemas; enquanto não libertarmos do complexo de modelos importados, estaremos condenados a uma corrida absurda e sem meta apenas para atendermos as exigências impostas - por certa ideologia e não por nossa realidade.

Nossa tese é que devemos estar profundamente convictos que o elemento quantitativo não está faltando, trata-se apenas de saber utilizá-lo. Se, ainda hoje, continuamos a nos queixar da falta de recursos materiais, perguntaríamos então quanto as épocas - passadas, as civilizações antigas deviam se queixar disso; perguntaríamos ainda se existiu na história uma época com maiores recursos materiais do que a nossa.

Talvez a maior heresia de nossa época seja o menosprezo do capital humano a partir de uma adoração e super valorização de meios materiais: a história das escolas-famílias, que é a história do MEPES, pode ser considerada uma tentativa de superação e combate a nossa heresia. A história da escola-família se fundamenta numa - fé que acredita ser" o elemento mais aproveitável e rentável da área subdesenvolvida, o capital humano. Um grande capital esqueci-

do e abandonado, que tem que ser descoberto, dinamizado, educado e canalizado para as vias do progresso. É o homem marginalizado que tem que ser recuperado e transformado em agente ativo de sua história e de seu progresso". (1).

Não devemos pensar que nosso recorrer ao capital humano dependa da falta dos meios materiais; mas é uma opção que pode, inclusive, exigir a recusa de certos meios materiais que possam contrastar com o aproveitamento do capital humano. Nossa opção se fundamenta no princípio de que existe uma única forma de autêntica educação e si mesmo assumindo responsabilmente sua situação, sua história, formulando seu projeto educacional para si e para a sua família. Concebemos educação como auto-educação e a educação de uma comunidade significa que esta comunidade eduque a si mesma assumindo sua realidade e sua história.

Concluindo esta primeira parte de nossa reflexão, sugerimos que para o meio rural os prédios respondam a certo modelo arquitetônico que possibilite uma dialética educacional em termos de auto-educação de uma comunidade. Portanto, o capital empregado, a localização, a própria construção não devem ultrapassar as possibilidades da comunidade. Em segundo lugar, a gênese do prédio escolar deve ser uma etapa da história de crescimento da mesma comunidade. Enfim, deve ser a própria comunidade a construir sua escola, cuidar da manutenção valorizando as lideranças e os recursos locais.

## II - ASPECTO EDUCACIONAL

No primeiro ponto fundamentamos um certo tipo de condições físicas para o ensino rural a partir de uma análise sócio-econômica. Agora procuraremos fundamentar a mesma tese a partir de um ponto de vista estritamente educacional.(2)

### II.1. As paredes falam

Se as palavras edificam, as paredes têm a palavra. As paredes falam por si mesma; elas contam continuamente sua história. Ora, se sua história é educativa, elas educam, caso contrário elas deseducam.

Mcluhan lançou o lema que tornou-se famoso: "o meio é a mensagem". Este lema, infelizmente, foi empobrecido por uma didática imediatista e superficial, assim que foi reduzido às vezes a mera questão de metodologia. O significado mais profundo do lema passou despercebido e vem a ser o seguinte: os meios em que vivemos constituem um "currículo" que educa (ou deseduca) mais ainda que o currículo, explícito da Escola.

II.1.1. O primeiro discurso que as nossas Escolas rezam continuamente para os nossos alunos é o discurso de sua construção, de sua gênese + a gênese da Escola pode ser fundamentalmente contada de três maneiras:

A) - Se a história for a seguinte: a Escola não é nossa, La foi planejada, financiada, construída por gente estranha, por ra- zões meio "obscuras" e nós da comunidade ficamos assistindo à che- gada de pessoas importantes, de máquinas e materiais custosos, e implementos e modelos desconhecidos e sofisticados; evidentemente a mensagem será racialmente deseducadora comunicando mais ou meno- que nós, gente do lugar, somos importantes, cotados, espécie de - mendigos, ao máximo, somos crianças bem quistas pelos outros "adult- tos", generosos e benevolentes para conosco. Trata-se, como pode-se- ver, de uma mensagem castadora que aliena os recursos humanos e torna o homem o objeto do "progresso" e não o sujeito de sua cons- trução e crescimento.

B) - Pode haver uma segunda história se a Escola foi con- struída pelos seus pais, mas a revelia dos outros, sendo que ninguém os ajudou, nem autoridades, nem amigos. E a história de um povo qu- lutou contra tudo e contra todos, que encontrou somente barreiras dificuldades, somente oposição e isolamento, então a mensagem será desse teor: somos uma classe abandonada que precisa se fechar em si mesma, politicamente lutar contra entidades, contra os homens que não pertencem ao nosso "clan"; em resumo é uma história que trans- mite aos alunos a pseudo-verdade de que o mundo em que vivemos é - um mundo fundamentalmente hostil, inimigo, que não existe irmandade, não existe possibilidade de intercâmbio, de diálogo, de cooperação nacional e internacional.

C) - Mas se, finalmente, as paredes contarem uma história diferente das duas primeiras dizendo que a Escola foi constituída pela união e capacidade de seus pais, de sua comunidade, num estor- go entusiasta e comum, num diálogo e cooperação com as autorida- des, com os outros irmãos longínquos e irrmados conosco pelo veícu- lo da natureza humana, então a mensagem será positiva e profunda- mente educativa, ela rezará os seguintes: nós temos condições, nós temos capacidades, criatividades, nós também não estamos só, isolad- os neste grande mundo, largados a sorte má ou contudo cegas; enfim a tarefa educacional e nossa tarefa que junto com outros nós resol- veremos da maneira melhor.

II.1.2. O segundo discurso que as nossas Escolas dizem aqueles que contemporam as suas paredes e, mais ainda, aos que nelas vivem, refere-se à nossa dificuldade em acreditar que a mudança rápida e profunda é realmente uma das notas mais especí- ficas de nossa época. O ideal de muitos de nós é construir para o todo sempre, construir algo de belo e de definitivo que eternize o possívelmente, o nome do patrocinador. Isto é muito grave, porque - revela, da parte dos educadores, estruturas incapazes de compreend- er o nosso tempo e, por conseguinte, de conceber uma educação pa- rta os dias de hoje. A arquitetura educacional de hoje será necessá- riamente provisória e própria pedagógica. Em mesmo, ainda bastante - jovem, já assisti à construção e abandono de arquiteturas educacio- nais que pretendiam permanecer pela eternidade(!). Nossa pequena - experiência de Escola-Família já (após 5 anos de vida), pode nos - ensinar que não são as Escolas maiores as que melhor funcionam e

e que mais se adaptam às novas metodologias.

O Relatório Parent, que serviu de base à reforma da Educação em Quebec, diz o seguinte: "Não se pode ignorar que a Pedagogia progride cada vez mais depressa, construir monumentos de pedras, de cimento, de tijolo, que durarão setenta e cinco anos ou mais, é condenar a pedagogia de amanhã a sufocar em quadros que não lhe conviriam. A filosofia da educação só evoluiu lentamente, sem dúvida, mas os programas sucessivos que marcam as etapas dessa evolução renovam-se e renovar-se-ão continuamente. A experimentação pedagógica, as descobertas científicas em diversos domínios e a evolução da sociedade propõe, incessantemente, novas soluções para os problemas relativos ao desenvolvimento da criança. Assim, e edifício escolar construído em função do momento arrisca-se a não convir às necessidades dos programas em vigor vinte e cinco anos mais tarde. Isso é, aliás, o que pode ser verificado pelos professores de hoje em escolas construídas há trinta, vinte anos apenas. Essas escolas já não constituem um quadro funcional para a aplicação dos programas de estudos concebidos pela nova pedagogia. A lição deveria servir. É preciso construir edifícios cujos arranjos interiores possam ser facilmente transformados." (3). Doutrina, não devemos tirar conclusões apressadas, como a de que as nossas Escolas devem adotar os pré-fabricados ou devem optar por uma arquitetura de vidros e cimento armado. Seria essa adaptação uma atitude que tende a generalizar, em todos os domínios, a sociedade de consumo, sempre pronta a lançar o lenço de papel, o prato de papelão, a meia de nylon e as Escolas pré-fabricadas. Seria - mais uma vez, empobrecer as intuições sociológicas de que estamos numa época de profundas mudanças. O Relatório Parent continua: "a arrumação da escola revela a concepção que se tem do ensino; é um testemunho dos progressos e atrasos da pedagogia que nela se aplica. É a pedagogia que deve determinar o plano de uma escola; são os professores que devem exprimir as exigências desse plano" (4). E mais adiante: "A Escola deve ser concebida, principalmente, pelos professores. Faz parte de sua tarefa dar a conhecer aos arquitetos - as exigências pedagógicas das escolas a construir" (5)".

Pessoalmente, nós diríamos mais que o Relatório Parent, diríamos que cabe à comunidade, às famílias do lugar conceber o tipo de Escola, juntos aos professores, dentro de uma reflexão comum a partir dos problemas pedagógicos. Tudo isso as paredes falam, tudo isso ensinam e transmitem, e tudo isso será nossa honra ou nossa vergonha. Neste sentido nem sempre temos exemplos muito bons inclusive em nosso Estado.

II.1.3. O terceiro discurso que as paredes dizem se refere às possibilidades concretas delas se tornarem modelos de habitação para as nossas comunidades do meio rural.

O modelo, para desencadear uma verdadeira dinâmica de progresso, deve ser superior às casas dos alunos e ao mesmo tempo permanecer dentro das possibilidades econômicas e imaginativas da comunidade. Se o modelo for igual o inferior ao padrão habitacional

da comunidade, de nada adianta, aliás deseduca, inferioriza a própria educação; se ele for superior em demasia, assim que fuja das possibilidades de melhoramento do povo, também de nada adianta, a vida da vida, algo que não tem nada a ver com o dia que se passa em casa. O aluno que olha para um colégio enorme, para um palacete, para uma construção ultra moderna, jamais poderá tirar estímulos para sua futura habitação, jamais pensará que a Escola é uma aliada de sua casa, um momento de reflexão que faz parte de sua vida concreta.

Disso tudo decorre a necessidade, para o meio rural, sobretudo, de uma escola cujo tipo arquitetônico engendre uma dialética de progresso que evite os extremos da alienação de um lado e da pobreza demasiada do outro lado. Uma escola onde o agricultor se sinta bem, se sinta em casa, mas que ao mesmo tempo o estimule a lhe sugira melhoras para seu lar; uma escola que ao mesmo tempo seja e não seja a casa do aluno.

II.2. As paredes fazem falar.

Não só as paredes falam e sim elas também geram um certo tipo de comunicação: elas fazem falar. Se alguém entra numa Catedral, automaticamente fala de uma certa forma, ao entrar num club fala-se de certa maneira determinada, em casa fala-se de outra maneira, num bar fala-se de outra maneira ainda. Mas não é somente esse o aspecto que queremos aqui mostrar, o que queremos dizer é que um certo prédio escolar por ter uma certa arquitetura permite e não permite uma comunicação complexa e em vários níveis e que essa comunicação torna-se, afinal, a textura de interior processo educacional como veremos.

Um certo pensionato, em seu Coletim, proclama que o seu ideal é criar um verdadeiro espírito de família, Visitando-o, descobri-se que a abriga um dormitório de noventa leitos, não existe razão alguma para duvidar da autenticidade dos propósitos dos educadores, mas o adolescente que se encontra num recinto de 300 m<sup>2</sup> sob um teto de 4 metros de altura, sem uma parede ao alcance da mão, está mais desprovido que uma pequena ave ou um pequeno animal aos quais pelo menos, possuem um ninho ou um território de referência proporcional à sua psicologia, ninho ou território que podem transformar, deformar, como uma vestimenta, como sua pluma ou sua pele. As paredes deste pensionato não tem condições de engendrar um diálogo familiar e ninguém será tão ingênuo de pensar que esse diálogo será possibilitado pelos lindos propósitos dos educadores.

A esta altura, quem está redigindo esta comunicação, quer se referir especificamente a uma determinada experiência educacional, isto é, às Escolas da Família Agrícolas (EFAs) (6) promovidas pelo Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES).

A metodologia das Escolas da Família Agrícola (daqui em diante EFA), recuperou a estrutura de internato, que por justas razões sócio-psicológicas, foi não criticada e rejeitada. O inter-

nato, argumentava-se, ao mesmo tempo arranca definitivamente o aluno de seu meio ambiente natural e cria sérios complexos psicológicos nos adolescentes. No entanto o internato - sobretudo para as nossas populações isoladas do interior capixaba tem suas vantagens as condições de que se eliminem suas séries desvantagens. A EFA a través da alternância, isto é, 8(oito) dias de permanência na Escola e 16 (desesseis dias em casa) conseguiu eliminar os problemas negativos sócio-psicológicos e ao mesmo tempo recuperar as vantagens da vida em comum que em resumo são: educação a tempo integral; convivência contínua com seus educadores, educação à vida grupal; superação do isolamento do campo, racionalização de tempo, enfim; uma tomada de distância para uma reflexão profunda e integral.

Evidentemente, mais de nunca, os prédios das EFAs deverão responder ao projeto educacional que a nova metodologia se propõe. Em nosso processo educativo, como em todo e qualquer processo educacional, o ambiente, conforme nossa tese de fundo, constitui talvez a estrutura mais fundamental. O ambiente educativo é constituído pelos alunos, pelos professores, pelos pais e pela comunidade local dentro da escola ou ao redor dela. Ora, para que este processo educacional se realize de fato, é necessário que as paredes, isto é, e o prédio escolar e sua localização, sua estrutura arquitetônica, seu equipamento, façam com que surja um autêntico diálogo desses grupos entre si.

II.2.1. As paredes fazem falar os alunos

Os alunos chegam para a escola, entram nela, ocupam seus lugares, olham para ela quase num desafio e questionamento misturados de agressividades e acanhamento. Quem primeiro recebe os alunos - são mesmos as paredes e é necessário que o aluno encontre nelas - um "amigo", alguém que não o espante mas que, pelo contrário, o anime, e acolha sorrindo, aconchegante e estimuladores. Devem ser paredes familiares, que lembrem seus lares; devem ser paredes educadoras que suavemente os distanciem dos seus lares para convidá-los a uma reflexão, a uma descoberta nova. O aluno deve, entre as paredes da escola, se sentir a vontade para contar seus casos, sem constrangimento, mas ao mesmo tempo ele deve perceber que os deve contar de forma diferente de como os contava em sua casa. Por isso - precisa-se de uma escola que, sem tirá-los de seu mundo normal, sugira uma nova dimensão crítica.

Conhecemos Escolas que distraem os alunos, através de infinitas novidades, de suas coisas de sua vida real; conhecemos escolas que na realidade são apenas um pobre rascunho de seu lar; são um lugar onde o aluno finalmente se sente livre de suas responsabilidades, correndo o risco de se tornarem única e exclusivamente o lugar para a irresponsabilidade, para um recuo ao estágio de infantilidade no exercício de brincadeiras e malandragens deseducativas. São extremos que não podemos aceitar. Conhecemos escolas onde os alunos se reúnem ao redor de uma mesa, em grupinhos e em conjunto com seus professores para pôr em comum sua vida e repletar sobre ela, analisar seus valores e limites e sobretudo suas possibilidades, elaborar novas hipóteses, pesquisar novos métodos e

novas técnicas, traçar propostas concretas, voltar finalmente para casa afim de executar esses projetos e de novo para a escola para avaliar sua execução e reformular seus projetos. Essas escolas são pequenas, bonitas, familiares, elegantes, planejadas para um grupinho de adolescentes (15 - 20 alunos).

### II.2.2. As paredes fazem falar os professores

A Escola deve constituir quase uma moradia para os professores, moradia simples, mas distinta; com sua sala de estar, sua biblioteca, possivelmente com quartos pessoais. Desta forma não será preciso impor muitos encontros de planejamentos, de avaliação porque isso tudo, a partir das condições físicas da própria Escola, torna-se prática normal.

O professor deve se sentir bem na escola: nem separado, nem identificado com os alunos. Um bom professor precisa de um ambiente-clima adequado, que o valorize como profissional. Em se tratando de uma escola para o meio rural, os professores devem encontrar um prédio, uma estrutura arquitetônica, uma localização de escola, um equipamento que sejam estímulo e convite para o tema educativo rural, se me permitem esta expressão.

### II.2.3. As paredes fazem falar os Pais

O papel dos pais, dentro da metodologia da EFA é fundamental. A participação deles ao processo educacional se realiza em três níveis:

a) participação e responsabilidade de cada família individualmente; tal responsabilidade é total durante o tempo que o aluno passa em sua família (2 semanas);

b) Participação dos pais numa reflexão comum, visando do melhorar constantemente a educação do jovem em cada família e na escola;

c) Responsabilidade coletiva dos pais organizados como Pessoa jurídica.

A Associação dos Pais tem o direito e a obrigação previstos pela lei e pelos estatutos.

Evidentemente, a partir dessas premissas, o prédio escolar, sua localização e seu equipamento, constituindo o local de encontro dos Pais, e local também de passagem, de visitas, etc...., devem ser o orgulho deles sem todavia tornar-se algo de pouco acessível, algo em que eles não se sintam a vontade. Eles devem realmente sentir a escola como coisa deles, propriedade deles. Na Escola eles devem poder falar a vontade, como verdadeiros donos responsáveis daquilo tudo, e ao mesmo tempo devem ser estimulados para um discurso autenticamente educativo.

#### II.2.4. As paredes fazem falar a Comunidade local

A Escola é fundamentalmente um serviço à comunidade, está inserida nela e foi construída por ela. Em nossa experiência de EFA, o órgão de mediatização entre Escola e Comunidade local é o Conselho Administrativo que mantém os relacionamentos com as entidades da região e com as pessoas interessadas. As pessoas, as lideranças e as entidades mais interessadas à Escola, poderão eventualmente assistir às sessões de tal Conselho Administrativo, em vez e sem voto. Sua colaboração se desenvolverá nos seguintes setores:

- a) informação aos professores e alunos sobre a problemática da região e sua atuação concreta;
- b) reflexão sobre a formação e educação;
- c) participação quanto à vida material da escola.

Mais uma vez, a partir dessas premissas, é necessário que o prédio escolar, pela sua localização, pela sua gênese, pela sua situação jurídica, pelo seu equipamento, possibilitem este diálogo da comunidade local, é necessário que a comunidade se sinta responsável, orgulhosa e ao mesmo tempo a vontade pela e na escola. Um prédio velho, abandonado, feio, não facilmente alcançável; um prédio enorme, de luxo, pouco familiar, etc. todas essas são as condições que não possibilitam um encontro da caminhada.

A escola não deve, doutro lado, tornar-se o lugar de "refugio" para toda e qualquer atividade da comunidade, festinhas, encontros, reuniões de todo o tipo; ela tem sua personalidade, sua especificação: lá se vai para, finalmente, realizar um discurso, um diálogo sobre temas e problemas de educação no sentido mais vasto.

#### CONCLUSÃO

Fomos convidados a falar sobre algumas condições físicas de, nossas escolas para o meio rural. Abordamos o tema em duas partes: a primeira a partir do ponto de vista sócio-econômico, a segunda a partir de uma questão mais diretamente educacional.

Nessas teses estão baseadas numa certa filosofia da educação aplicada ao meio rural; esta filosofia por sua vez estão sendo testada numa experiência educacional justamente no meio rural, isto é, em oito (8) Escolas da Família Agrícola (EFA) espalhadas no sul e no norte do Estado do Espírito Santo.

Se tivéssemos que sintetizar esta filosofia, diríamos que ela é caracterizada sobretudo por uma idéia central, que é, a primazia da vida sobre a escola.

Neste exato sentido é-nos agradável constatar que os grandes reformadores da Educação (ex: Decroly, Montessori, Cousinet, etc....) iniciaram suas ações locais muito simples, que nem mesmo se distinguem dos locais para o uso habitacional. Doutros lados não devemos ser tão ingênuos em pensar que esses iniciadores e reformadores da Pedagogia recorreram a essas soluções apenas por não terem meios e recursos econômicos, é que eles sabiam que uma verdadeira escola não é apenas aberta para a vida, e sim mergulhada na vida. Infelizmente os seguidores dos grandes educadores, talvez tomados de insegurança e pobres de recursos interiores, apelaram para as grandes estruturas materiais. Foi sempre assim e não somente no campo educacional. A escola, uma vez que esgotou sua original inspiração pedagógica, se apoia e mascara sua fragilidade em grandes estruturas materiais.

A EFA não considera a escola como dona do saber e sim como a servidora; ela sabe que seu papel é apenas o de vitalizar as estruturas, os métodos e os meios que a própria vida possui naturalmente; porque é a vida a mestra do homem, é a vida que já tem implícita sua própria didática que a escola explicitará e reforçará.

Queremos acreditar que nossa palavra não vá no deserto e sim frutifique abundantemente; queremos acreditar desta forma que as gerações mais moças de nossa gente do campo tenha amanhã um sorriso menos cansado que seus pais e seus mestres.

NOTAS

-14-

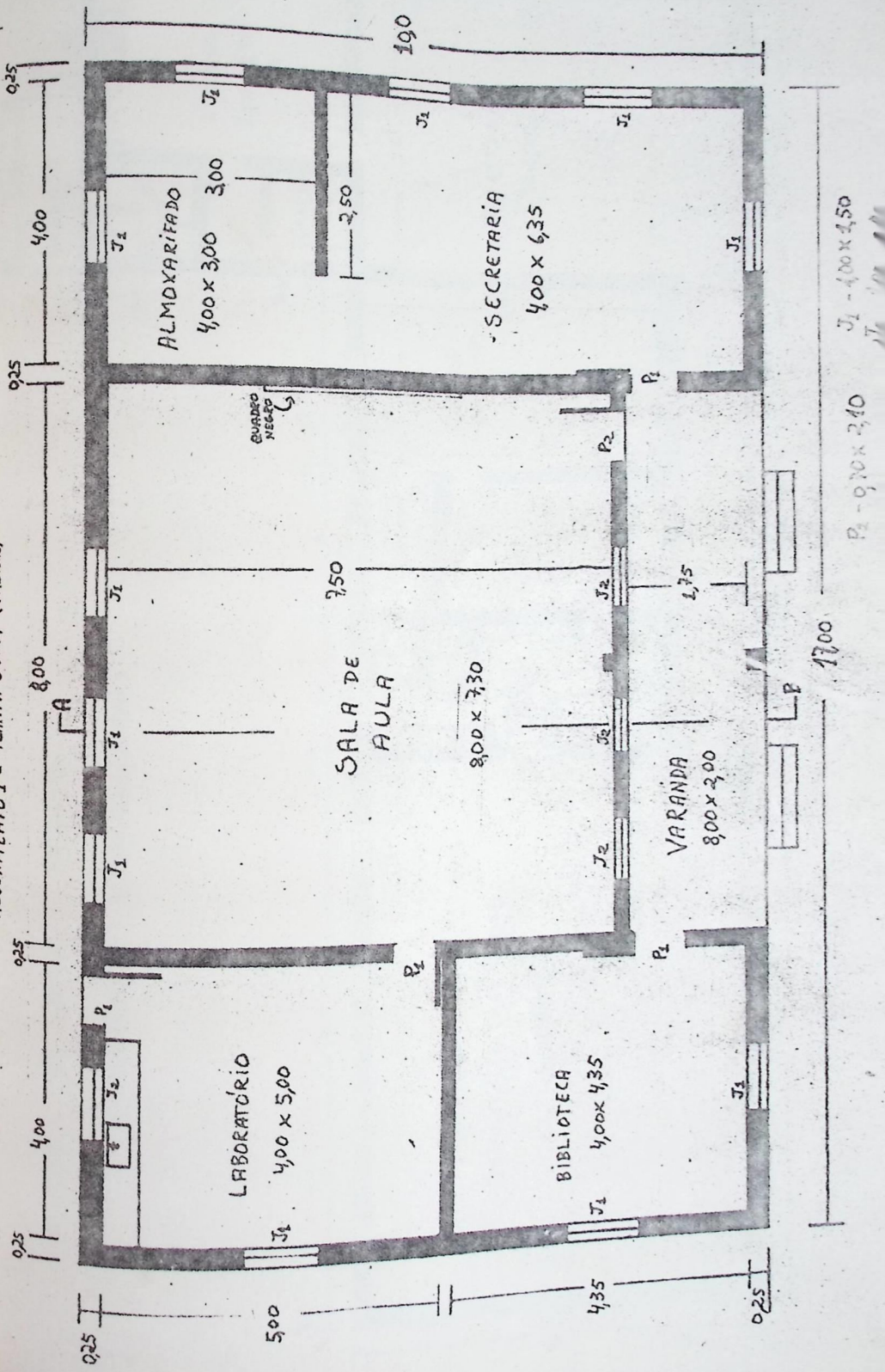
- (1) Cfr. melhores detalhes em ILLICH, I. Descolarizzare la Società, Ed. Mondadori, Milano, 1972 (existe também a tradução em português); e sobretudo ILLICH, I. Libertar o Futuro. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1973. PP 137-174.
- (2) Algumas idéias aqui expressas foram tiradas de FAURE, E. e OUTROS, Educação Hoje. Ed. Eldorado, Rio, 1973; e sobretudo de PIVETAU, D., A linguagem das estruturas, pp. 120-144, no mesmo livro.
- (3) Relatório Parent, Tomo II, p. 339 em Educação Hoje, obra já citada.
- (4) ibidem
- (5) ibidem
- (6) Muitas idéias sobre EFAs foram tiradas de APEFA. Otra Escuela en America Latina. Ed. Bomum, B. Aires, 174.

BIBLIOGRAFIA

- ILLICH, I. Decolarizzare la società, Ed. Mondadori, Milano, 1972.
- ILLICH, I. Libertar o futuro, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1973.
- FAURE, E. e OUTROS, Educação Hoje. Ed. Eldorado, Rio, 1973.
- FURTER, P. Educação Permanente e Desenvolvimento Cultural, Ed. Vozes, Petrópolis, 1974.
- BUCKMAN, P. e OUTROS. Educação sem Escola, Rio, 1973
- CEAS. Chance aos Agricultores, Salvador, Nº 8, 1970.

M.E.P.E.S

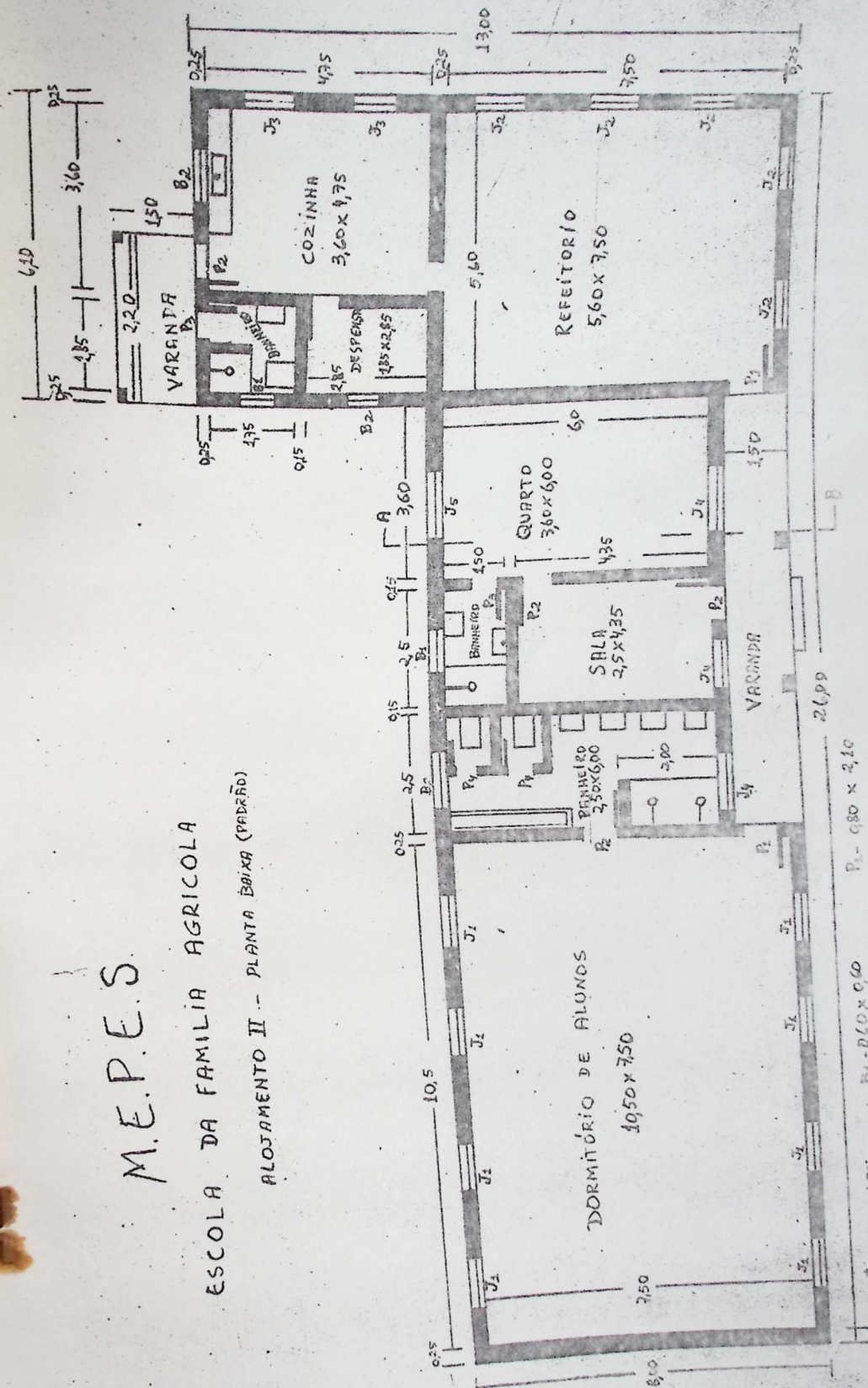
ESCOLA DA FAMÍLIA AGRÍCOLA  
ALOJAMENTO I - PLANTA BAIXA (PADRÃO)



M.E.P.E.S.

ESCOLA DA FAMILIA AGRICOLA

ALOJAMENTO II - PLANTA BAIXA (PADRÃO)



- J1 - 1,10 x 1,50
- J2 - 1,20 x 1,50
- J3 - 1,00 x 1,50
- J4 - 1,00 x 0,60
- J5 - 1,50 x 1,50
- P1 - 0,80 x 2,10
- P2 - 0,70 x 2,10
- P3 - 0,60 x 2,10
- P4 - 0,50 x 1,50